

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.



AS MINHAS AVENTURAS NA PERSIA.

§ I. — A RAZÃO POR QUE VIAJEI.

Meu pai, honrado especieiro de Londres, a quem 25 annos de trabalho e privações de toda a casta fizeram enriquecer, resolveu retirar-se do commercio, e quando menos o esperavamos, vendeu a sua loja, realisou a sua fortuna e principiou a viver vida folgada.

Nunca me esquecerei da maneira na verdade singular com que elle nos annunciou essa mudança total na nossa existencia.

Tinha eu então 19 annos, 10 dos quaes passára no escriptorio de meu pai, sem ter a menor idéa da immensa fortuna que elle possuia. Julgue-se, pois, qual seria a minha surpresa quando, uma manhã, mandando-me elle entrar no seu gabinete, onde já se achava minha mãe e minha irmã, nos dirigiu o seguinte discurso:

— Meus filhos, acabo de vender a nossa casa de commercio e de comprar uma casa de campo, distante tres milhas da cidade. Jenny, tu amas um moço bem parecido e pobre; comprei-lhe uma patente nas guardas reaes, e dou-lhe a tua mão com um dote de seis mil libras esterlinas. Amanhã, pois, casarás tu com o capitão Lummel.

Tu, meu filho, deves viajar para te instruires, e partirás, portanto, para o continente logo que se effectue o casamento de tua irmã. Eis uma carteira que contém duas mil libras em notas do banco:

quando desta somma te restar sómente a quantia necessaria para pagares a passagem, volta para a tua patria.

E nós, minha mulher, entremos na bella carroçagem que nos espera. Coche, cocheiro, lacaios e cavallos tudo nos pertence. Vamos celebrar o noivado de Jenny na casa de campo que comprei.

Partamos!

Minha mãe, minha irmã e eu, julgámos por um momento que meu pai tinha perdido a razão, ou que sonhavam. Mas logo que entregou a minha irmã o dote, e a mim o dinheiro para a viagem, desvanecerão-se todas as duvidas, e alegres partimos para a casa de campo.

Effectuado o casamento, tratei da minha viagem e decidi-me a começar pela Allemanha. Justei a passagem com um capitão allemão que partia para..... e, dizendo adeus á minha familia, dirigi-me para os céos.

Ahi me esperavão com impaciencia alguns marujos estrangeiros. — Sois Mr. John Brown? perguntou-me um delles em mão inglez. — Para vos servir, respondi eu. — Partamos, disse o marinheiro, o capitão só por vós espera.

E eis-me a bordo do navio.

§ II. — ONDE ME LEVARÃO.

Além do enjão que me causava horriveis tormen-

tos, tudo a bordo me entojava e aborrecia, porque ninguém fallava inglez, á excepção dos dous marujos que me leváão para o navio, e Deus sabe o que era esse inglez barbaro que elles falláão, e que eu bem poucas vezes entendia. Mas ainda que os eu pudesse perceber, pouco agradável me seria a sua

companhia, pois erão todos bebados e assevajados. Tomei o partido de viver retirado na camara, e de frequentar a equipagem e menos que me fosse possível.

Contudo a viagem prolongava-se, prolongava-se, prolongava-se, sem que eu visse chegar a Allema-

DANÇARINAS PERSIANAS.



na e o porto de... Tinha-se-me dito que poderia gastar, quando muito, trinta dias, e havia já dous mezes que estavamos no mar... Prodiatar contra esta falta de exactidão teria sido inutil; tomei portanto o partido da resignação, que de pouco me serviria brigar com estes rusticos.

Finalmente, depois de uma viagem mui longa,

avistámos terra, e veio a bordo um piloto. Jalgar eu minha admiração, quando este homem, ouvindo-me fallar inglez com um dos marinheiros, chegou-se a mim; deu-me a mão, e disse-me em inglez mui puro:

— Meu querido compatriota, dou-vos o parabem pela vossa feliz zhegada á Persia.

— A' Persia! exclamei eu, á Persia! Pois estou na Persia? Julgava estar na Alemanha.

E furioso, corri a queixar-me ao capitão! O piloto seguiu-me, e, servindo de interprete, explicou-me em allemão as palavras acras que eu soltava.

O capitão pegou na carteira, e mostrou-me inscripto como passageiro—*Mr. John Brown, negociante de sedas.* Graças á minha precipitação, tinha tomado o lugar de uma pseudonymo. Resignei-me á minha desgraça, e decidi-me, já que o acaso assim o queria, a visitar a Persia.

§ III. — A HOSPITALIDADE.

Fui para a casa do piloto onde aluguei um quarto para morar por algum tempo; mas, apenas ali cheguei, veio procurar-me um homem de aspecto respeitavel e vestido á persiana, para me offerecer agasalho em sua casa. Era neto de um Inglez que se estabelecera na Persia, e que se chamava Kahnul, por ter mudado o seu nome Inglez por um nome do paiz em que habitava.

Acceitei a sua offerta e acompanhei-o para casa. Esta casa estava cercada de muros mui altos que lhe occultavão inteiramente a fachada, e era situada no fundo de uma grande área que a separava da rua.

Entrámos por portas mui pequenas que se assemelhavão á postigos de cadeas. Como são estas as unicas aberturas que se apresentam á vista, não sabe o estrangeiro que pela primeira vez entra em uma cidade da Persia em que logar se acha, pois nem vê edificios nem fachadas, e só sin muros altos e sombrios.

A casa do meu hospede era de construção elegante, e a distribuição dos aposentos pareceu-me muito regular. Compunha-se de muitos quartos e de uma sala no centro á que chamão *divan*. Esta sala, situada entre a área e o jardim, tinha uma janella de cada lado que chegava do pavimento até o tecto, ornadas com festões e grinaldas de madeiras e com vidros de diferentes cores. Como o vidro é um objecto mui raro e dispendioso na Persia, só se encontra nas casas da gente rica; a classe ordinaria contenta-se com papel oleado.

Os Persas são muito apaixonados da agua, e poucas são as casas que não têm em frente das janellas grandes pias de marmore ou alabastro d'onde brotão jorros de agua, cujo marmurio lhes deleita os ouvidos quando se abandonão á contemplação. Um Persa pôde ficar um dia inteiro sentado de cócaras, junto a uma janella, olhando para a agua, sem fazer o menor movimento.

A casa do meu hospede tinha, como já disse, diferentes quartos construídos regularmente, a que dão o nome de *balakoua*. Na frente tinha aposentos lateraes contendo, de um lado, diferentes quartos para os hospedes de classe mediocre e derviches, e, do outro, estrebarias, armazens para palha e cevada, e covis para os cães de caça.

Os harens são construídos como os divans, porém muito mais vastos, e tinham casas lateraes para as cozinhas e banhos.

As salas principaes dos harens são destinadas ao dono da casa; porque, é ahí que come e que quasi sempre dorme. E' tambem nessas salas que se reúnem todas as suas mulheres logo que elle ahí entra.

Logo que acabei de jantar fui para meu quarto, e achei ali uma cama preparada á moda do paiz.

Os Persas dormem no chão; suas camas não são permanentes como as nossas, fazem-se todas as noites e levantão-se todas as manhãs. Em geral compõem-se de uma colcha de chita acotofada, de um enorme travesseiro e de uma almofadilha.

§ IV. — OS BANHOS.

No dia seguinte levou-me o meu hospede aos banhos publicos.

O banho é aquillo de que os Persas mais gostão, é mesmo uma necessidade; porque só mudão de camisa uma vez por mez e dormem de calças. Além disso a sua religião prescreve-lhes o banho como um dever.

Os banhos persianos são mui differentes dos da Europa; compõem-se de vastos edificios subterraneos, cobertos de elegantes zimbórios, na parte superior dos quaes ha buracos mui grandes por onde entra a luz através de laminas mui finas de alabastro.

As primeiras salas são de ordinario redondas e mui grandes, guarnecidas de bancadas e de nichos onde se despeno os que vão banhar-se; no centro, tem pias de marmore ou de alabastro com fontes de repuxo, para recreio dos frequentadores.

Na sala de banho é tal o calor que produz o vapor da agua, que ás pessoas que a isso não estão habituadas se torna quasi insupportavel. O pavimento desta sala é de marmore branco, aquecido pela agua com que continuamente se rega em abundancia.

Terminado o banho, deita-se no chão o que se banhou, e vem logo dous barbeiros robustos collocar-lhe uma pequena almofada debaixo da cabeça. Pouco tempo se está nesta situação sem se experimentar uma transpiração abundante. Logo que ella principia, começão os barbeiros a esfregar e a comprimir todas as partes do corpo, seguindo a direcção dos musculos, e sacodem depois os membros por movimentos de rotação que são bastante dolorosos, mas cujo resultado é excellento. Esta operação é um verdadeiro supplicio para aquelles que a ella se sujeitão pela primeira vez; mas facilmente se habitua a isso, e o bem real que d'ahi resulta me induz a crer que é o melhor medico do paiz: não ha remedio que dê ao corpo uma frescura tão salutar, e que melhor faça circular o sangue.

Emquanto estes dous homens esgotão as suas forças no corpo do paciente, occupa-se um outro em lançar-lhe continuamente agua quente, desde os pés até a cabeça, o que contribue muito para dar flexibilidade aos membros, e diminuir as dores que acompanhão esta operação. Logo que termina, arriam-se os barbeiros de luvras de clina, com as quaes esfregão o corpo em todos os sentidos. Por este meio tirão porções consideraveis de epiderme morta, sendo essa separação essencial á saúde; pois que dá livre curso á transpiração que essa cuticula devia obstruir. Os barbeiros persas são tão destros, que fazem sempre esta operação sem excoriar a pelle, e, de cada vez que correm a mão pelo corpo, tirão pedaços de epiderme do comprimento de um pé, que se enrola na luvra como se fosse papel molhado.

Como é sempre nos banhos que os Persas tingem a barba e os cabellos, descreverei aqui a maneira

por que se isso faz. É muito simples, e, longe de ter os funestos resultados das drogas, que os charlatães de Londres e de Paris vendem a peso de ouro, é pelo contrario de muita utilidade para o cabello, que faz crescer e engrossar.

Servem-se de um pó muito fino, proveniente da folha do anil depois de secca e pulverizada, que se deixa de infusão em agua, até que tome a consistencia de uma massa liquida. Antes de fazerem uso desta preparação, lavão bem o cabello e a barba com agua de sabão, afim de tirarem todas as partes oleosas da transpiração, e depois lava-se a cabeça com agua quente, para saber o sabão e enxugar-se bem. applica-se então a massa, de maneira que os cabellos fiquem bem impregnados e cobertos, e os barbeiros principião a operação que acima descrevi, a qual, durando sempre mais de hora e meia, dá tempo a que a tinta tome a necessaria consistencia. A massa que cobre a cabeça tira-se depois com um pente fino e agua quente.

Quando se emprega pela primeira vez esta composição, é necessario quasi sempre repetir a operação duas dias a fio, durante os quaes os cabellos parecem esverdeados; mas depois torna-se cor de azeviche. É tal a força desta tinta, que basta renovar-a de dous em dous mezes, sobretudo se antes de fazer uso do pó de anil se tingem os cabellos com pó de henné, que, supposto de em principio uma cor avermelhada ao cabello; dá ulteriormente ao pó do anil uma cor negra muito mais carregada.

Muitas pessoas tingem as mãos e os pés cor de ferrugem, por meio do henné pulverisado, que tem a propriedade que já descrevia acima.

§ V. — O JANTAR.

Houve um banquete em casa do meu hospede, para o qual fui convidado.

A sala do jantar era uma especie de quadrilongo, em redor do qual se sentavão todos no chão sobre tapetes de feltro, de três pés de dimensão, e tres a quatro linhas de altura, de maneira que, reunida a sociedade, formava uma ferradura, em uma das extremidades da qual se collocava o dono da casa, d'onde via tudo o que se passava entre os convidados.

Os Persas sentão-se no chão sobre os calcanhares, e a maneira por que o fazem ao entrar em uma sociedade é bastante singular.

Quando um delles entra em uma assemblea, por muito numerosa e distincta que seja, se tem o direito de sentar-se, vai logo para o lugar que a sua graduação lhe marca; da porta da sala, onde deixa as chinelas, entra sem olhar para pessoa alguma, sem saudar, e sobretudo, sem proferir uma só palavra; chega ao seu lugar, tira os pés, arranca o vestido ou tunica, deixa-se cahir sobre os joelhos, e senta-se depois sobre os calcanhares; é então somente que levanta os olhos e que principia a occupar-se com a sociedade, levando a mão direita ao peito, e pronunciando ao mesmo tempo o *salam-alekoum* com a maior gravidade; faz depois profundas reverencias com a cabeça, nas quaes o corpo não tem parte alguma. Todos correspondem a cortezia pela mesma maneira, ao que se responde por um *alekoum-salam* que conclue a cerimonia. O dono da casa recebe os

convidados pelas palavras *koch-guialdy* (sêde bem-vindos).

A hora do jantar, estende-se em volta da sala e em frente dos convidados toalhas muy grandes de fazenda pintada da India, e depois vem cinco ou seis criados com bilhas e jarros de cobre estanhado, cheias de agua, com um pequeno ralo na boca. Todos os convidados aparaõ agua na mão direita, que enxugão depois com o lenço. Apresenta-se em seguida ao dono da casa, e depois a todos os convidados, de dous em dous, enormes pratos carregados de doces, biscoitos, massapões, confeitos e fructas; mas esta primeira coberta não tem muito gasto, e pouco tempo se demora na mesa.

Depois trazem os criados o pão que se compõe de enormes bolachas de dez pollegadas de largura e vinte de comprimento, e de duas a tres linhas de altura, a que os Persas chamão *tcheurage*; servem somente de pratos, onde se juntão os grãos de *pilau* que cahe da mão quando se levã a boca. Nem depois a segunda coberta, em pratos que servem para duas pessoas, como acontece na primeira; esta coberta compõe-se de *pilau* e de bebidas. Quando todos os convidados estão servidos, dá o dono da casa o signal para começar o ataque, proferindo as palavras *Bism-Allah* (com o auxilio de Deus). Os criados continuão a servir outros pratos, deixando para o fim os assados ou *kiababs*.

Para excitar o appetite, servem-se durante o jantar passas, pepinos, saramangos e mesmo sal, que todos os convidados toirão na ponta do dedo pollegar levemente hmedecido com saliva.

Os Persas comem com a mão direita, e não conhecem o uso das colheres, garfos e facas; com a mão direita somente trinchão com rapidez e bastante elegancia todas as comidas; mas cumpre advertir que vem sempre para a mesa tão cozidas que cedem logo á primeira pressão dos dedos.

A mão esquerda, que serve para outro mister, nunca apparece na mesa, e seria considerado como uma grosseria imperdoavel o tocar com ella qualquer cousa que vem á mesa. Tratão pois os Persas com o maior cuidado de a esconder durante o jantar; examinando-se a gravura que segue, ver-se-ha que a tem debaixo da tunica, d'onde nunca sahe.

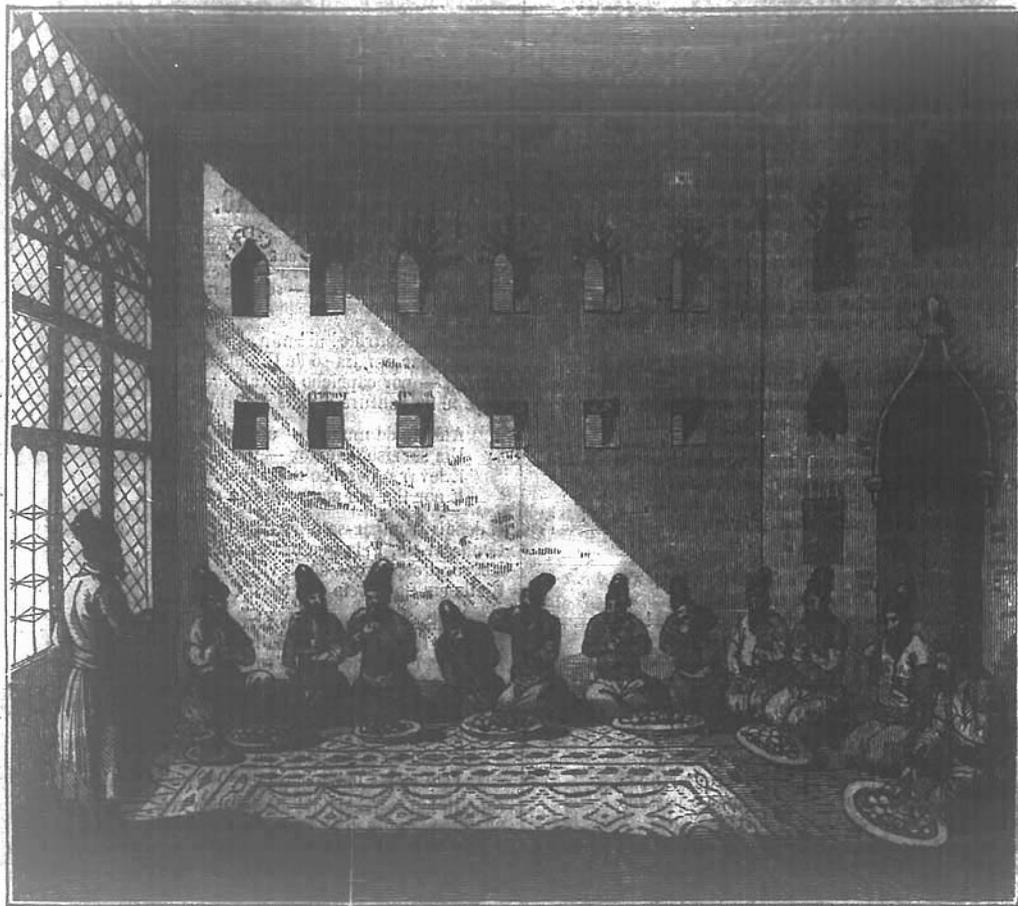
Na Persia não ha copos para bebidas. Servem-se estas em jarros, e dá-se a cada convidado uma colher de pão muy delgada e delicadamente trabalhada que substitue o nosso copo. Ha colheres de diferentes capacidades, as que de ordinario servem na mesa podem conter tanto como um calis, ainda que ha algumas que levão mais de meio quartillo.

Quando acaba o jantar, tirão-se os pratos e depois as toalhas que se dobrão com o maior cuidado, para que não se derrameem as migalhas no tapete. Depois voltão os criados com os jarros e bilhas cheios de agua morna. Todos os convidados lavão a mão direita sem tirarem a esquerda, do seu escondrijo, lavão a boca e a barba, e enxugão-se com o lenço, as mais das vezes já bastante sujo, e segue-se o café e os *cailliaux*.

O café é tão grosso como o nosso chocolate; quanto ao *cailliaux*, é uma especie de cachimbo, composto de diferentes peças, da cabeça e corpo, garrala e tabos; a cabeça tem o feitio de uma pera cortada na parte inferior para ficar chata; é oca, guardada no interior de terra calcaria cozida, e

furada de cima para baixo: enche-se com pedaços de carvão, e une-se a um tubo direito, fixado em uma garrala, e cuja extremidade inferior desce quasi até o fundo da mesma garrala; o gargalo tem um

buraco lateral, destinado a receber o tubo para fumar, o qual é fechado hermeticamente por uma rolha de pão ou batoque, collocado no centro do tubo.



JANTAR PERSIANO.

Terminado o café, vierão os dançarinos e os musicos.

Os musicos acocorão-se em um canto da sala, e principião a cantar, acompanhando-se com mandolins, tamboris e guitarras.

Vierão depois os dançarinos: erão jovens, e tinham a cabeça raspada; á excepção de dous tufo de cabellos que lhe cahião sobre as orelhas. Acompanhão os movimentos com castanhetas de cobre. As dançarinas erão mui formosas, servião-se igualmente de castanhetas de cobre, e cantão. Tinhão

os cabellos trançados, arranjados com muita elegancia, e retidos, á excepção das tranças grandes, por um lenço de garça bordado de ouro. O seu unico vestuario era um delicado *artali*, amarrado na cintura com um cordão de seda, cujas pontas cahião para a frente. O calçado do paiz; que mesmo para caminhar é incommodo, não convém á dança; por isso baixão com escarpins e muitas vezes descalças, e como tingem os pés de amarello, desde os dedos até o tornozelo, parece que trazem sapatos cor de laranja.



POESIA.

O SOLITARIO.

Na taça onde cuidou servir docuras,
 Libou por mãos da ingrata o fel da morte!!
 (João de Lemos.)

No meio de um bosque de flores cercado
 Vivia um mancebo, bem joven seria;
 Só — isolado, passava o seu tempo,
 Das flores cuidando com tanta alegria!

A's vezes choroso cantava canções
 Tão bellas, tão ternas, tão cheias de amores,
 E logo, tristonho, deixando o cantar
 Corria a cuidar sómente das flores!

— Quem n' alma plantou-lhe cruento penar?
 Quem fal-o viver assim — isolado?
 — Amores sentidos por uma inconstante,
 Saudades bem vivas do tempo passado!!

Amado elle tinha com amor verdadeiro
 A uma falsaria que amor lhe jurou;
 E após, breve tempo, sem dó do infeliz,
 Juramento de amor a brisa levou!!

E elle que amava, no senho illadiu-se
 Da crença de amor — engano da vida;
 E ella foi outro buscar enganar,
 Que essa era a crença da tal fementida!

E agora elle cre que apenas um sonho,
 — Delirio d' alma — sentia nesse amor;
 Mas é-lhe o passado tão cheio de vida
 Que é doce lembral-o ainda com dor!

E no meio do bosque de flores cercado
 Lá vive o mancebo carpindo os amores,
 Que agora — isolado, lembrando o passado
 Jura sómente amar suas flores!

S. Christovão, 21 de Abril de 1854.

Innocencio Rego.

O SUSPIRO MENSAGEIRO.

Adeja, adeja, suspiro,
 Sem detença ao meu amor,
 Vai pintar-lhe minha magoa,
 Meu tormento, minha dor!

Pinta-lhe o quanto por elle
 Minha alma vive em tristura,
 Diz-lhe que afflicta lamento
 A cruel sorte perjura:

Nas... de esse ante adorado,
 Não te quizer receber,
 Ligeiro volva, suspiro;
 Quero contigo morrer.

M. C. de J. M.

DESENGANO.

Nem ao menos um ai — nem frase ao menos,
 Nem um olhar — embora descuidado!...
 Sômente um fríto rir — d'escarnea cbeio,
 Sempre fingindo — sempre fofalsado!

(ANDRADA E SILVA.)

Quanto hei soffrido! ai! minha vida!
 Nem sequer um dia só de f'licidade!
 Louco! — por capricho da vaidade
 Tive fé na ventura a mais mentida!

Affecto de mulher — um beijo della,
 Um sorriso de amor — um meigo olhar,
 E levar o coração nisso a scismar,
 E por fim um amor votar a ella!

E depois, romper-se o negro véo,
 Conhecer-se, inda que tarde, a fementida,
 Morrer a esperança desta vida,
 E ella em novo bem ver novo Céo!

E os sonhos d'amor — prazer, tormento?
 E o porvir de venturas que raiaua?
 E a brisa esperançosa que soprava?
 Ai, tudo findoa n' um só momento!

E a ingrata agora ri, que o *desengano*
 Veio tarde e sea peito affim mostrar!
 E nem de compaixão um só olhar
 Tem poder nesse peito deshumano!

Quanto hei soffrido! ai! minha vida!
 Nem sequer um dia só de f'licidade!
 Louco! — por capricho da vaidade
 Tive fé na ventura a mais mentida!!

S. Christovão, Abril de 1854.

Innocencio Rego.

CONFISSÃO.

>nginho, quem te formou
 Te tanta belleza assim?
 És um ente fabuloso,
 Ainda Virgem — Seraphim?
 > teus olhos um condão
 Inspira cantos de amor,
 Te bella seja o que for,
 > a flor da criação!

Amitié.

S. Christovão, 18 de Maio de 1854.

CHRONICA DOS SALÕES.

Umaz vezes tantas, e outras tão poucas. Ainda sabado passado eu pulava de alegria pela bella semana que teve o mundo elegante, e hoje eis ahi ella que se acaba, sem que nada verdadeiramente lhe podesse dar animação: é verdade que sabado passado houve o baile do *Casino Commercial*; mas tão longe está ainda esta sociedade de gozar as regalias do *bon tam*, que é uma verdadeira profanação o nome de *Casino* que tem: havião bastantes moças no baile, mas nenhum *tailente* que se distinguisse, e eu ás onze horas retirei-me bastante aborrecida.

O mundo dançante esta semana teve férias, o theatro lyrico tambem; a unica novidade que merece especial menção é a da carreira de vapores para S. Christóvão e Ponta do Cajú que começou no dia 1.º do corrente. Estes dous barros do Rio de Janeiro, amáveis e encantadores como elles são, ha muito que sentião essa falta; eoube porém ao incansavel Sr. Manoel Teixeira Coimbra, o homem dos vapores, o dotar aos moradores desses logares com esse beneficio tão desejado e tão util. Mil louvores ao mesmo senhor!

Por um tal motivo houve uma festa popular por esse bairro; a primeira viagem do vapor foi saudada com girandolas de foguetes, e uma banda de musica que se conservou a bordo durante as duas primeiras viagens. Houvo grande concurrencia, bastante madamismo, etc., etc.

E que mais hei de dizer na chronica? Que o Exm. Sr. Dr. Chefe de policia libertou, por si e seus amigos, um meunio branco que se ia vander para a provincia de Minas; e que esta caridosa e pia acção inspirou ao Sr. Innocencio Rego, um dos nossos poetas, um bello soneto, que as folhas diarias publicarão? Mas está me parecendo que não vem muito ao caso na chronica dos salões fallar nisso! Pois então nada mais tenho a dizer por hoje. Domingo fallaremos mais á larga.

Adeus, queridas leitoras, não vos esqueçais da vossa

Francina Oseña.

Rio, 5 de Junho de 1854.

BOLETIM MUSICAL.

Não foi por preguiçosa, mas sim, por falta de espaço no *Jornal das Senhoras*, que no domingo passado nada dissems acerca de musica; verdade é que tambem no mundo *dos Milistanti* pouca ou nenhuma novidade tem apparecido; comtudo nosso dever é sempre registrarmos nas columnas deste jornal todas as bellas composições que sahem á luz do dia; e não cumprir um tal dever, a que nos imponos, é commetter uma grande falta, pela qual, as nossas amáveis e queridas leitoras, nos darão sempre um perdão, quando carinhosamente o supplicarmos.

De novidade só temos o *Banquet das Pianistas* que publicou os seus ns. 5 e 4; este contendo uma linda fantasia, intitulada — a borboleta, e aquelle — os suspiros da minha alma — mais uma inspiração poetica da imaginação artistica do pianista nosso patricio o Sr. Geraldo Horta. Estas publicações vendem-se em casa dos Srs. Rafael & Frion, rua dos ourives. Qualquer destas são mais que lindas, e de bom gosto, e de uma bella execução.

Esta semana publicou-se o n. 4 das *Saudades do Botafogo*, publicação musical, contendo para piano só o quarteto dos Puritanos por Thalberg, e vende-se em casa de Phillipone, rua dos Latoceiros.

Tambem publicarão-se umas lindas quadrilhas, compostas pelo artista brasileiro o Sr. Henrique Alves de Mesquita, e offerecidas ao Sr. desembargador Alexandre Siqueira.

Brilhantes e animadoras, estas contradanças merecem uma especial menção pelo gosto que presidiu á sua composição.

Não me consta que mais alguma musica haja sido publicada durante a semana; temos porém ouvido muito pedacinho bello e divino. Ainda uma noite destas gostamos de ouvir tocar piano uma linda melodia, que ao muito poderia ter 8 annos de idade, e que com uma facilidade de mestra executava pedaços de operas, que extasiou a seus ouvintes. Esta joven pianista é luminense.

Ouvimos tambem em outra noite, executada por uma nossa interessante amiga do *Castete*, a terna valsa — A FLOR DA ESPERANÇA, composição da distincta Mineira a Sra. D. Francisca Pinheiro: Ha uma dolorosa sensação para a alma, um saudoso e terno encanto para o coração ao ouvir-se tocar tão lindissima valsa.

Foi um verdadeiro sonho de imaginação conceber-se um pensamento assim tão repassado de magia, e decifral-o na musica, na mimosa *Flor da esperança*, que melancolicamente nos vai extasiando.

Tambem ouvimos tocar a *Laureira*, nova schotisch composta pelo Sr. J. P. da Silva, e que vende-se no Licéu Musical, largo do Rocio n. 79. É uma lindissima musica, e digna de existir na estante das nossas pianistas. Basta por hoje.

Joaninha.

UMA SUPPLICA.

O acolhimento das artes n'um paiz denota bom gosto, e o bom gosto a prova mais inabalavel de civilisação; deste modo sempre que as lindas Sylphides da sociedade sabem acolher e avaliar o bello das harmonias da dança, das melodias do piano cadente e magico que arrebatava o coração, elevando a alma ás regiões sublimes do idealismo, o enthusiasmo dos salões redobra e as luzes dos salões brillam como as estrellas do céu americano fazem desaparecer o escuro das locubrações materiaes da vida, e o prazer é certo.

Se pois, apesar do febricitar da dança, o espirito avalia o sublime da arte, os effluvios do talento, que magico arroubo não gosarão todos os espectadores ao contemplarem um brasileiro, a quem os desgostos e as infellicidades têm queimado a vida, a reproduzir no piano de um salão todos os sentimentos da alma, todas as pulsações do coração, embora rapidas como o correr da electricidade; quando virem o talento de um illustre cego passando atravez das muralhas do organismo optico, apparecer á voz pode-

rosa da intelligencia, como o Lazaro rompendo o sudario da morte ao chamado de Jesus, e entoar hymnos de melancolicas saudades, cáuticos tão santos como os psalms do paraizo.

Não hyperbolisamos, não; o talento do nosso amigo Miguel Augusto Furiado de Mendonça tem passado — infelizmente — despercebido como todas as cousas da nossa terra; mas hoje que appellamos para o bello sexo, para esses corações, nos quaes não ha um bater que não seja de bondade, estamos convictos que intercederão em favor do nosso amigo, e que todos os pais de familia procurarão para as suas reuniões um infeliz, que como o cego Homero, troque celestes cantos pelo honorario, sem o qual não é dado existir sobre a terra. Para ellas pois appellamos, e certos do triumpho de suas rogativas lhes tributamos desde já nossos agradecimentos.

Todos os convites serão dirigidos á rua dos Ourives n.º 408, casa do Sr. Saturnino Lopes Pereira Chaves.

Recetas e processos uteis.

LIMPEZA DA BAIXELLA DE PRATA.

Fervão-se em tres quartilhos de agua 8 oitavas e 24 grãos de *raspas de pontas de veado* reduzidas a pó subtil, e na vasilha em que estiver ao lume esta decoção, mergulhem-se os objectos que se deseja limpar; poem-se depois a escorrer e a secçar ao calor.

Tirada a baixella, mettem-se na mesma agua trapos de lã bem limpos, e deixão-se embeber completamente do liquido. Depois de enxutos servem para polir a prata, e limpar tambem as fechaduras e botões de metal amarello.

Quando os objectos estão de todo secços, esfregão-se com pelle fina de camarça. — Este methodo de limpeza é muito preferivel ao uso de pós que contém mercurio, e por isso prejudicão sempre os trastes de prata.

PARA TIRAR NODOAS DOS TECIDOS DE SEDA.

Mel.	4 1/4	} onças
Sabão escuro. . .	5 1/2	
Aguardente . . .	quartilho e meio.	

Misture-se tudo e deixe-se tudo em repouso por trinta horas. — Estenda-se a peça de seda, que se quer limpar, sobre uma mesa bem limpa; molhe-se uma escova macia naquella composição e escove-se ao comprido e atravez, mas sempre a direito. Tendo

á mão dous baldes de agua fresca (a melhor é a-de-poço) mergulhe-se a seda n'um e depois no outro successivamente e sem a torcer, e estenda-se a enxugar.

CHARADA.

A' minha particular amiga a Exm. Sra.
Dona M. L. M. P.

Tantos annos d'ausencia e de saudade
Contou d'Ulysses a extremosa esposa:
Ah! triste! Que sem filho e sem consorte,
Passavas vida amarga e bem penosa! 1

Des'arte pretendia astuta deusa
Obter este guerreiro adestro e forte:
Bem haja elle, que, dando em seus ardis,
Antes quiz sujeitar-se á dura morte. 2

Emquanto este heroe
Assim procedia,
A misera esposa
Não menos fazia:
Pois que assim olhou
Aqueles que a amavão
E que á sua mão
Com ancia aspiravão.

(Pela Exm. Sra. Dona S. J. R. F.)



A charada do n.º 22 é: *Belizario.*